

A LINGUAGEM COMO FATOR DE PERTENCIMENTO SOCIAL: UMA VISÃO EPISTEMOLÓGICA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS



10.56238/edimpecto2025.011-001

Jaqueline Araújo da Silva

Assistente Social e Pedagoga Mestra em Educação/UEPA

E-mail: jaquelinearaujosilva@gmail.com

Ivanilde Apoluceno de Oliveira

Pós-doutoramento em educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

E-mail: nildeapoluceno@uol.com.br

RESUMO

Neste resumo tem-se como objetivo analisar a linguagem como fator de pertencimento social, como fator identitário entre grupos e indivíduos, não, porém como um fator isolador, que afaste, ao contrário que promova novas aberturas de diálogos com as diferenças. Abordando o tema dentro de conceitos de representação social, com uma visão epistemológica, a partir da compreensão do cotidiano, que gera um conhecimento e práticas. O artigo dialoga com autores como Boaventura Santos (2010), Minayo (1995), Moscovici (2004), Oliveira (2019), Candau (2003) e McLaren (1997), entre outros. Propõe-se uma reflexão sobre as diferenças, as quais conduzam não a dissociação, mas a uma expansão, promovendo uma interculturalidade.

Palavras-chave: Linguagem. Representações sociais. Interculturalidade.



1 INTRODUÇÃO

O artigo por ora apresentado tem como objetivo compreender a linguagem como fator de pertencimento social, buscando na epistemologia, fundamentos e conceitos de representação social, e outros atrelados ao tema.

Para tanto buscou-se apresentar inicialmente o conceito de cotidiano compreendido como espaço das manifestações históricas dos indivíduos e grupos, onde se interpõem as alternativas de escolha dos indivíduos, assim como são manifestadas suas ideologias, influenciando nas suas formas de pensar e agir.

Nesse espaço cotidiano, manifestam-se ainda a linguagem, influenciada muitas vezes por esse cotidiano, não sendo fruto de um ato despercebido, e sim resultado das manifestações como cultura, experiência, tradições e ensinamentos.

Dessa forma, buscou-se em Paulo Freire (1983) fundamentação sobre como a linguagem pode ser concebida como uma extensão de uma forma de pensar o mundo, influenciando em construções e reconstruções.

Em Oliveira (2019) dialogou-se sobre o processo de comunicação imerso nos espaços cotidianos, gerando conhecimento, pois na medida em que se constitui entre as pessoas e a realidade vai gerando um processo histórico.

Na busca de aprofundar os fundamentos teóricos interagiu-se com Boaventura Santos (2010), destacando a experiência social e a epistemologia.

Em Moscovici (2004) e em outros autores abordou-se o conceito de representações sociais.

Em última análise o artigo convida a um repensar sobre as representações sociais, propondo um repensar sobre novos modos de comunicação e linguagem, que produzam uma interculturalidade e ultrapassem as fronteiras das diferenças.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

A linguagem como fator de pertencimento social: uma visão epistemológica de representações sociais.

Antes de abordar a categoria representações sociais, é necessário realizar inicialmente uma abordagem sobre o cotidiano enquanto expressão do conhecimento.

De acordo com Lima (1983, p. 41) a vida cotidiana é uma das principais formas de manifestação da história, sendo circunscrita pelos diferentes momentos socioeconômicos e políticos e por seus limites e condicionamentos, sendo essa a razão pelo qual o homem possui a presente possibilidade de superação desses limites através da busca da transformação do cotidiano, uma vez que é imerso no cotidiano que o homem se depara com alternativas e escolhas, vivenciando a formação da sua consciência para interpretar tanto o seu „eu“, particular, como o seu genérico, a comunidade.



Lima (1983, p. 42) apoiado na concepção de Henri Lefébvre a cerca do cotidiano supõe uma investigação consubstanciada de uma atitude crítica, visto ser impossível apreender o cotidiano como tal, aceitando-o e vivendo-o passivamente, sem tomar distância crítica, comparar e contestar.

Em meio a essa análise crítica do cotidiano apresentam-se ideologias, assim como o conhecimento da vida cotidiana implica uma crítica ideológica e também uma autocrítica permanente.

De acordo com Dias (1982, p. 96) o cotidiano constitui também a repetição dos mesmos gestos, como o levantar-se pela manhã, preparar o café, sair, caminhar pelas ruas, sempre as mesmas todas as manhãs, atravessar as praças, também as mesmas, tomar a condução, perder-se na multidão, ler o jornal, entrar pela mesma porta na mesma fábrica, no mesmo escritório.

A linguagem por muito tempo estudada e debatida por estudiosos sempre foi um tema que gerou inquietação. A forma de se expressar seja ela verbalizada ou não, não é uma forma simples de comunicação, mas ela é fruto de um emaranhado de coisas, como cultura, experiência, tradições e ensinamentos.

Pode-se citar ainda um grupo de crianças ou uma roda de bate papo de adolescentes, linguagens que possuem um jeito próprio de se expressar, um jeito próprio por meio da linguagem de expressar sentimentos e pensamentos.

É possível ainda citar as confluências verbais entre cidades e regiões, moradores que se comunicam o um dialeto único de ser.

No Pará são comuns dizeres populares bem específicos da região, que outras pessoas talvez não compreendam os significados. Os sotaques e formas específicas de falar. A linguagem culta, erudita, muito menos usual no cotidiano.

Dessa forma, a linguagem pode ser concebida como uma extensão de uma visão de mundo, permitindo construções e reconstruções “(...) no termo extensão, está implícita a ação de levar, de transferir, de entregar, de depositar algo em alguém” (FREIRE, 1983).

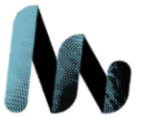
A comunicação esta imersa em quase tudo, a própria educação é comunicação.

O processo de comunicação gera, de certa forma um conhecimento;

O e com a realidade em que vivem, torna-se um processo dinâmico, histórico, permanente, vinculado a existência humana. (OLIVEIRA, 2019, pg.11). conhecimento na medida em que vai se constituindo nas relações das pessoas entre si

De acordo com Santos (2010) toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo pressupõe uma ou várias epistemologias, uma vez que epistemologia é toda ideia ou noção, sobre as condições do que conta como conhecimento.

As pessoas constroem seus mundos subjetivos, também por meio da linguagem e muitas vezes tentam se encaixar, fortalecendo e revigorando o sentimento de pertencer a um grupo. Sobre isto é importante destacar a categoria representações sociais.



Na concepção de Moscovici (1978, p. 173)

O que as sociedades pensam de seus modos de vida, os sentidos que conferem as suas instituições e imagens que partilham, constituem uma parte essencial de sua realidade e não simplesmente um reflexo seu.

As representações sociais são construídas e difundidas por meio da interação pública entre atores sociais, em práticas de comunicação do cotidiano (MOSCOVICI, 2004, p. 20).

De acordo com os estudos de Moscovici as representações sociais possuem dimensões, a saber, entre o sujeito e a sociedade, onde as relações sociais que estabelecemos no cotidiano são fruto de representações que são facilmente apreendidas. (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

Para Abric (1994) essas representações possuem funções, a saber uma função de saber, uma função indenitária, uma função de orientação e uma função de justificação.

A função de saber permitiria compreender e explicar a realidade. A função indenitária teria por função situar os indivíduos e os grupos no campo social, auxiliando- os a elaborar uma identidade social.

A função de Orientação seria responsável por guiar os comportamentos e as práticas. E a Função de justificação, como o nome sugere serviria para justificar a posteriori as tomadas de posição e os comportamentos.

A linguagem possui uma dimensão indenitária entre aqueles que compartilham da mesma visão de mundo, criando um sentimento de pertencimento.

Na concepção de Minayo (1995, p. 89) Representações Sociais é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou de um conteúdo do pensamento.

Nas ciências sociais são expressas como categorias de pensamento que demonstram a realidade, de forma a explicá-la, justificá-la ou até mesmo questioná-la.

Ainda de acordo com Minayo (1995, p. 89) as Representações se expressam através de palavras, sentimentos, condutas e se institucionalizam, portanto, podem e precisam ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais.

Sua expressão primordial é a linguagem, entendida como forma de conhecimento e interação social, podendo, contudo, expressar pensamentos fragmentários e se limitar a experiências existenciais, caracterizam-se como fruto de vivência das contradições que permeiam o dia-a-dia dos grupos sociais.

Dessa forma, a realidade vivida é representada, onde os atores sociais se movem, construindo sua vida, explicando-a através de um arcabouço de conhecimentos disponíveis pelos mesmos.

Determinadas Representações Sociais são mais amplas, a nível de sociedade como um todo e expressam a visão de mundo de determinado momento histórico, onde se travam as concepções da classe dominante dentro da sociedade, onde são repassados elementos de conformação, que visam a reprodução da dominação.



As Representações Sociais não se apresentam de forma particular, pois cada grupo social faz da visão abrangente uma representação particular, de acordo com a sua posição na sociedade como um todo, gerando uma certa racionalidade.

Na ótica de Mannheim (1962, p.63) a racionalidade substancial é “um ato de pensamento que revele percepção inteligente das interrelações dos acontecimentos de uma determinada situação”, ou seja, é a capacidade que o homem possui de refletir, interpretar as situações que vivencia.

É preciso repensar as representações sociais e reinventar novos modos de comunicação e linguagem, onde não sejam gerados conceitos e pré-conceitos mentais que porventura acabem gerando fronteiras sociais e culturais criando ilhas sociais.

É preciso, como pontuou Moscovici (2004, p. 182) “prestar maior atenção às diferenças que as semelhanças.”

Dialogando com McLaren apud Renato Rosaldo (19) utilizo-me do termo desnudar-se culturalmente em frente ao outro, buscando compreender o que é diferente de mim, possibilitando que a linguagem a cultura sirva não como fronteiras, mas como expansões sociais e culturais.

A linguagem como fator de pertencimento social, pode e deve ter uma dimensão indenitária, porém não para desagregar, antes funcione como instrumento de expansão de uma cultura, promovendo uma interculturalidade, onde essa pluralidade de culturas em contato esteja no mesmo patamar.

De acordo com Candau (2003, p.19) a Interculturalidade consiste em:

Um enfoque que afeta a educação em todas as suas dimensões, favorecendo uma dinâmica de crítica e autocritica, valorizando a interação e comunicação recíprocas, entre os diferentes sujeitos e grupos culturais. A interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdades sociais. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando conflitos inerentes a esta realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas para enfrentá-los.

A interculturalidade pode conceber aberturas para diálogos com as diferenças, possibilitando o reconhecimento do direito às diferenças.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando pensei neste tema tinha a intenção de anunciar que os indivíduos se conhecem e se reconhecem como parte de um grupo social de diversas formas e uma delas é por meio do tipo de linguagem, seja verbalizada ou simbólica, não verbal. Por exemplo, alguns dizeres populares do senso comum, muitas vezes recorrentes no cotidiano.

Os dados deste breve estudo foram fruto de uma pesquisa bibliográfica e leituras e estudos realizados em sala de aula, no curso de mestrado em educação na Universidade Estadual do Pará e



ainda em outras fontes da então graduação em Serviço Social, onde tive contato pela primeira vez com as categorias representações sociais e cotidiano.

Em tempos de capitalismo e neoliberalismo, onde o individualismo tem sido pregado como máxima em um discurso excludente e disfarçado ideologicamente de progressismo, a compreensão sobre diálogos de pertencimento como espaços de abertura de diálogos sobre as diferenças.

Para tanto, foi necessário inicialmente um levantamento bibliográfico de autores que dessem voz aos anseios desejados neste breve estudo.

Após esta fase de pesquisa bibliográfica foi necessário a realização de uma interpretação das falas dos autores, assim como de suas devidas interpretações.

Só então foi possível partir para a fase de escrita e da produção, utilizando da fonte dos autores e fazendo uso de recursos intelectuais recebidos na sala de aula do mestrado em educação na Universidade Estadual do Pará.

O estudo das representações sociais possui ainda o caráter contribuidor para a compreensão da realidade, do cotidiano enquanto parte do conhecimento, como expressão dessa construção, onde os indivíduos criam e recriam sua existência.

Em complementação a esta proposta de estudo tem-se a categoria interculturalidade, objetivando compartilhar trocas de experiências culturais, abrindo espaços de diálogos para o respeito as diferenças.

Este breve estudo pode desencadear o despertar para futuras pesquisas em comunidades, onde seja possível, por exemplo por meio de uma pesquisa de campo, e por meio de uma observação participante estudar seus modos de vida, e suas representações sociais.

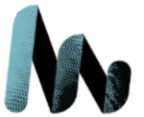
Buscou-se ainda trabalhar a linguagem destas, como fator de pertencimento, sem contudo que esta linha identitária sirva como fator isolador, mas sim como um fator de abertura para novos diálogos em prol do respeito as diferenças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve estudo teve como pretensão contribuir sobre o estudo da linguagem como fator de pertencimento, refletindo nesse processo as representações sociais.

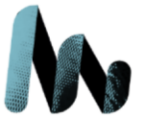
O artigo buscou promover ainda um despertar sobre a necessidade de problematizar esse processo de construção do conhecimento envolvendo a linguagem e as representações sociais.

O conceito de representações sociais foi ainda compreendido imerso em outros conceitos como cultura, tradições, ideologias, tradições e ensinamentos que influenciam na linguagem e produzem uma noção indenitária, que muitas vezes agrega o que parece com o grupo e gera fronteiras para aquilo que é diferente, trabalhando assim a necessidade da emergência de uma interculturalidade.



Compreender a linguagem como fator de pertencimento social, por meio de uma visão epistemológica de representações sociais torna-se proeminente em uma sociedade mergulhada em estigmas e preconceitos, em tempos de capital e neoliberalismo, em prol do respeito as diferenças.

Por meio deste breve estudo vislumbra-se a possibilidade da abertura para novos espaços de diálogos sobre representação social, sobretudo no campo da linguagem enquanto fator de pertencimento social.



REFERÊNCIAS

- ABRIC, J-C. Pratiques sociales et représentations. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- DIAS, Maria Ester B. A dialética do cotidiano: trabalho social em conjunto habitacional. São Paulo: Cortez, 1982.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LIMA, Sandra Amendôla Barbosa. A participação social no cotidiano. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- MANNHEIM, Karl. O homem e a sociedade: estudos sobre a estrutura social moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.
- MCLAREN, Peter. Multiculturalismo e a crítica pós-moderna: por uma pedagogia da resistência e transformação. In: MCLAREN, Peter. Multiculturalismo Crítico. São Paulo: Cortez, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: Representações sociais: investigações em psicologia social. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. A epistemologia na educação de Paulo Freire. Belém: 2019.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Saberes, imaginários e representações na Educação Especial: uma problemática ética da “diferença” e da exclusão social. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SÁ, Celso. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (Org.). O conhecimento no cotidiano: as representações na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.